

Editorial

É com grande satisfação que trazemos o terceiro número da *Recôncavo* – Revista de História da Uniabeu - com o dossiê *Sociedade e Cultura*. Temas amplos que nos permitem acessá-los por diversas perspectivas analíticas, historiográficas e documentais. A amplitude das temáticas desse dossiê está expressa em cada um dos artigos que compõem este volume.

Elaine Senko mergulha na construção da identidade andaluza na *Idade Média* através das narrativas de Ibn Al-Hakam, historiador e jurisconsulto egípcio, e do erudito andaluz Ibn Al-Kouthyia. A chegada de Musa Ibn Nusayr à Península Ibérica provocou profundas transformações e, segundo a autora, levou a Andaluzia à Era de Ouro do Islã. As batalhas entre visigodos, islâmicos e berberes teriam contribuído para a construção do mito identitário fundador daquela região.

Em *Proveitosas Diligências*, Irenilda Cavalcanti mostra como o imaginário colonial mineiro estava repleto de histórias de crimes que ajudaram a construir diversas categorias de criminosos em potencial. A partir das correspondências do governador Martinho de Mendonça entre 1736 e 1737, a autora estuda as ações de repressão exercidas sobre duas categorias que tinham em comum o estigma étnico: ciganos e quilombolas.

Jonis Freire, em *A importância das relações familiares para os projetos de liberdade na Mata Mineira Oitocentista*, utiliza fontes históricas de diversas naturezas para *perseguir* as relações familiares de alguns escravos da antiga Vila de Santo Antônio do Paraibuna - atual Juiz de Fora – na luta pela liberdade. Segundo o autor, a família foi um dos pilares da política de alforrias desenvolvidas por senhores e cativos naquela região de *plantation*.

Em *Republicanos, evolucionistas e mestiços*, Ana Maria Koch traz o intenso debate desenvolvido no Brasil entre *materialistas* e *evolucionistas* no final do século XIX. A partir do diálogo desses dois grupos, o artigo aborda o conceito de *mestiço* em Sílvio Romero e no projeto republicano dos intelectuais brasileiros influenciados pelas ideias de Herbert Spencer.

Fernando da Silva Rodrigues, em *O medo comunista e a formação do pensamento político autoritário brasileiro*, mostra como a reforma de regulamentos e normas internas do Exército Brasileiro na primeira metade do século XX teve como objetivo a construção de um projeto de modernização profissional que ajudasse a consolidar não só a instituição militar como o regime republicano. O destaque fica por conta do medo do comunismo e como esse sentimento interferiu na construção do Estado autoritário de Getúlio Vargas.

Natália Crivello traz importantes reflexões sobre a construção da paisagem urbana de Nova Iguaçu, nas décadas de 1930 e 40, em *Fotografias na 'Cidade Perfume'*. A autora aponta que, através das imagens analisadas, é possível perceber como a 'crise' dos laranjais propiciou as transformações urbanas do centro do município.

Na seção *História & Educação* trazemos o artigo do professor Alexandre Nascimento, onde este narra sua experiência à frente da direção da Escola Técnica Estadual Oscar Tenório (ETEOT / RJ). O autor propõe diretrizes para a construção e a vivência de um projeto que denominou de "Escola Plural", centrado na articulação da diversidade, cultura, ciência e tecnologias na formação para a vida e para o trabalho dos discentes daquela unidade de ensino. Além da experiência de construção coletiva de um Plano Político Pedagógico, Nascimento traz discussões interessantes sobre a efetiva prática da democracia e da diversidade na gestão escolar.

Na seção *Prata da Casa* temos o artigo *Misoginia & Bruxaria*, de nossa ex-aluna Eliane Cahon Leopoldo. Sua análise se baseia nos discursos que apresentavam a mulher no período colonial brasileiro associada ao mal e à bruxaria, além de algumas reflexões acerca do arquétipo feminino na historiografia do século XX.

Ricardo Pimenta, em sua resenha *O futuro da História e de sua leitura*, levanta questões pertinentes à prática dos historiadores do século XXI a partir do livro de Robert Darnton *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. “Como escreveremos história daqui a quinze ou vinte anos? Ou melhor, como leremos história? Como iremos nos reportar à historiografia, que em escala geométrica vem estendendo-se de maneira jamais vista?” É na busca dessas respostas que o autor nos leva a refletir sobre o *fazer* da História.

Como vocês podem perceber a diversidade de temas e temporalidades é a marca dessa edição da Recôncavo. Da Idade Média ao século XXI, todos os artigos buscam refletir, a partir de diversos ângulos, a sociedade e a cultura do presente, do passado e também do futuro. Embarque nessa viagem pelos tempos e boa leitura!